ANNO I — Pelotas, 17 de Setembro de 1893 — NUM. 11

DEMOCRACIA SOCIAL

Int. Instituut voor Sociale Geschiedenis Amsterdam

Orgão dos interesses do Trabalho

Tiragem 500 exemplares

Trabalhadores de todo mundo, uni-vos!
KARL MARX.

ASSIGNATURA
Na cidade, por mez . . . . . 500 rs.
PAGAMENTO ADIANTADO

PROPRIEDADE E REDACÇÃO DE DIVERSOS
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURA
Fóra da cidade, por mez . . . . 600 rs
PAGAMENTO ADIANTADO

FIM DE SECULO

No *Correio Mercantil* de 9 do corrente mez apparece um facto que pela sua singularidade obriga um homem a fazer umas certas considerações.

E' o caso que um cidadão casa-se e desconfiando, na propria noite do casamento, de que sua mulher não está virgem, levanta-se, já com a concepção de uma tempestade horrenda no cerebro, dá por paus e por pedras, faz uma bernarda furibunda, chama a visinhança, como num caso de incendio e acaba por dizer a todo o mundo que não quer a mulher.

No dia seguinte a sogra do desconfiado homem requer em termos á autoridade competente um exame medico no corpo de sua filha e a sciencia declara que a moça está completa e que se o marido fez tal escarceu, é porque não entendia do riscado.

Eis o facto. Parece uma coisa grotesca, tem mesmo uma certa pimenta que não daria mau gosto a uma comedia, mas tira-se daqui conclusões de uma aspereza acre de mais.

A dependencia, a escravidão completa da mulher perante o homem e perante a sociedade, resalta neste facto com um relevo enorme.

A sociedade respeita muito a virgindade: é até uma das coisas que ella respeita mais, depois dos tres respeitos primordiaes consagrados ao dinheiro.

Respeita nisto um preconceito tolo, um preconceito parvo, um costume, como, por exemplo, o de curvar a cabeça ao cumprimentar-se alguem, quando se poderia egualmente dar um pontapé, desde que o costume o sancionasse.

Houve uma peste em Roma, cujo signal de morte intantaneo era um espirro.

Principiou a dizer-se *Dominus tecum* a quem espirrava.

Dahi para cá ninguem mais morreu de espirros, mas ainda se diz « Dominus tecum ».

A virgindade respeita-se com furor; desmancham-se homens por ella; brigam familias; commettem-se as maiores iniquidades; enchem se as rodas de filhos sem pais; existe essa coisa feia chamada prostituição; fazem se milhares de horrores e a razão disto é a sua antiguidade fabulosa, a tradicção de respeito consagrado á virgindade, como o « Dominus tecum » se consagra ao espirro.

Não ha outra razão conhecida.

Vista esta questão á luz da propria candeia com que a sociedade a encherga, examinada com a propria logica com que a sociedade a examina, não se lhe encontra outra razão de ser.

O homem exige com toda a seriedade, não tanto a honestidade, os bons costumes, mas a virgindade da sua noiva, se é solteira, mas com toda a seriedade tambem, com a convicção da honradez, casa com uma viuva.

A sociedade exige egualmente a virgindade da moça que se casa, mas sancciona com todo o respeito o casamento da viuva e nem siquer, por um principio de hygiene, pergunta ao homem, quando elle se casa, se está ou não carregado de syphilis.

Póde estar pôdre; a sociedade não tem nada com o peixe: a mulher não tem para quem appellar.

Pelotas, 16 de Setembro de 1893.

João Tolentino.

PÃO E PADEIROS

Ha tempos, porque subio o preço da farinha, as padarias, por accordo geral, subiram o custo do pão, tirando aos consummidores a vendagem, a inhapa, o choro, ou como quer que chamem.

Esta inhapa, este choro constava de dois pães de dois vintens em pataca, o que quer dizer, sahindo desta conta de negro mina e de padeiro, que augmentaram vinte por cento sobre o custo do pão.

Deixaram os padeiros de chorar: em compensação choramos nós todos que não somos padeiros: escorregamos com mais quatro vintens em pataca: uma pataca passou a ser um cruzado no cambio das padarias

Houve causas para isso, mas quando appareceram essas causas, quando as padarias as sentiram, já os seus empregados as sentiam com mais insistencia, porque são mais pobres, e não obstante, não nos consta que lhes tenha tocado alguma coisa dos quatro vintens por pataca.

Os pobres diabos que fabricam o pão e o conduzem á freguezia, quer faça sol ou chova coriscos, continuam, apezar de todas as anomalias economicas, a morder aquelle magro cartucho de papel desvalorisado, emquanto que os seus patrões esmoem muito bonito ouro, por intermedio daquelles quatro vintens em pataca e dos lucros antecedentes, que já eram de calibre grosso.

As padarias são verdadeiras minas, e tanto assim é, que já uma vez, para explicar a fortuna sempre ascendente do Sr Custodio Branco, foi preciso addicionar-lhe á qualidade de padeiro a de moedeiro falso.

Outra coisa, que diz respeito a todos os que comem pão:

O custo da farinha tem descido muito; temos, além disso, farinha nacional ali á mão, do outro lado do Santa Barbara, por preço modico e os padeiros não *choram*, não dão inhapa.

O pão é de dimensões microscopicas, quasi que não se encherga e ahi estamos nós a pagar duas patacas por aquillo por que se pagava uma, em tempos—e em tempos monarchicos, que é o mais duro de roer por dentes jacobinos.

Voltaremos ao assumpto, se daqui até ao outro numero não nos derem o *choro*.

«Os Tecelões»

Tal è o titulo de um drama de propaganda socialista que acaba de ser representado em Paris com extraordinario successo.

O que elle é e a impressão que causou no publico parisiense nos diz um correspondente nas seguintes linhas:

« A unica novidade theatral da quinzena foi a unica representação dos *Tecelões*, de Gerhart Hauptmann.

E' a primeira vez, creio eu, que uma obra theatral de escriptor allemão é representada em Paris depois da guerra Não me refiro, já se vê, a obras musicaes, mas sómente a peças dramaticas.

A sensação produzida por esta foi grande e profunda, e, á parte os protestos de caturras, como Sarcey e outros criticos do mesmo padrão, para os quaes não ha salvação possivel fóra dos velhos moldes e das velhas receitas, to-Paris litterario e pensante applaudiu nos *Tecelões* uma das obras mais vigorosas e commoventes do moderno theatro.

A imprensa cobre de flores o prussiano Hauptmann e a sua peça, robusta e mascula.

Como intenção moral, como tendencia, os *Tecelões* são evidentemente uma obra perigosa no ponto de vista governamental e ordeiro, e comprehende-se, comquanto se lamente por amor da arte pura, a interdicção que lhe vedou o accesso, tanto em Berlim como agora em Paris, a um theatro aberto ao publico pagante.

Da primeira scena até á ultima, anima-a um espirito de revolta e de reivindicação violenta que se propagaria facilmente do palco á platéa, se se permittisse esse contacto arriscado.

Mesmo o publico de intellec-

tuaes e de requintados que a ouviram na sala de Antoine se sentiram agitados até ás fibras mais intimas por esse panorama de miserias e atrocidades, que o autor desenvolveu diante dos seus olhos.

O que sentiria então uma platéa que se reconhecesse nesses personagens tragicamente votados á desventura ineluctavel e visse como em um espelho a sua propria vida a reflectir se na ficção theatral?

Os *Tecelões*, embora tenham como assumpto um incidente particular da revolta de operarios da Silesia a que Henri Heine allude nos seus ultimos versos, pretende evidentemente descrever nos as miserias de que soffre o proletariado operario em todos os paizes.

A acção do drama poderia mover-se indistinctamente na Allemanha, na Russia, na Belgica, na França ou na Inglaterra. Só seria inverosimil em qualquer paiz da Europa meridional, onde a benignidade do clima attenua em larga escala os soffrimentos do operario e onde pelo menos até hoje as insurreições populares contra a ordem de cousas estabelecida não têm dado lugar ás mesmas violencias no ataque, nem á mesma implacabilidade da repressão

A peça, contada summariamente, reduz-se ao seguinte:

O primeiro acto mostra-nos os operarios da fabrica Dreisiger que vêm receber a sua fôria. Todos esses homens trazem gravada no rosto uma biographia de trabalho incessante e de miseria atroz.

O patrão mostra-se para com elles avaro e insensivel. Recusa quasi metade dos tecidos que elles lhe apresentam. Um delles, que protesta, é expulso.

Dreisiger annuncia lhes brutalmente uma nova reducção nos salarios, que já mal lhes chegam para não morrerem de fome.

No segundo acto vemos o interior de uma casa de tecelão. E' um espectaculo horrivel. A fome torce as entranhas da pobre gente. Para saciar o estomago, matam um cão e comem n'o. As primeiras idéas de vingança começam a levedar no coração dos miseraveis.

O alcool da taverna, onde nos leva o terceiro quadro, completa a fermentação da colera.

Excitados pelos discursos de um exaltado, os tecelões armam-se e ruem ao assalto da fabrica.

Dreisiger, tão cobarde como cruel, escapa-se, salvando o seu ouro.

Momentos depois, os insurgentes invadem a casa e uma scena de destruição ébria e selvagem mostra nos a féra popular desencadeada e em um dos momentos em que ella vê tudo côr de sangue diante dos olhos.

O ultimo quadro é dilacerante. Passa-se no miseravel albergue de um tecelão que não tomou parte na revolta E' um resignado, um vencido da miseria que acceita o seu destino e curva o pescoço sob a canga.

Os insurgentes vêm buscal-o, elle recusa-se a seguil-os, mas seu filho e sua nora incorporam-se ao bando e partem para a batalha contra o tropa que vem reprimir a revolta.

As balas sibilam na rua, e uma dellas vem cravar-se na cabeça do velho tecelão, que, melancolico e submisso, se puzera a trabalhar junto á janella...

A scena toma neste ponto um horror shakespeariano.

A mulher do tecelão, cega e quasi surda, que, sem comprehender nada do que se passa, trabalha fiando na sua roda, ergue-se presentindo que a morte, a intrusa, como diria Mæterlinck, penetrou na sua triste morada; e nada póde traduzir a impressão que se sente ao ver surgir essa figura esqualida, esse rosto lividó onde se dilatam as pupillas buças, esses braços que apalpam anciosos o vacuo, e ao ouvir essa voz rouca balbuciar: « Hilse! Onde estás? Que aconteceu? »

A VARIOLA

Um de nós enviou ha dias ao *Diario do Rio-Grande* uma receita contra a variola, que parece ter-se incumbido de levar a cabo a obra nefanda iniciada pela guerra civil — a destruição do Rio-Grande do Sul.

Aquella folha publicou a, prestando assim um serviço ás victimas da cruel epidemia, e o mesmo fizeram os dous jornaes diarios desta cidade

Reproduzimol-a, não só por ter sahido nos tres jornaes com um erro de importancia como seja *flor de Thalia* (que naturalmente ninguem saberá o que é) em vez de *flor de dhalia*, como porque desejamos tornal-a mais conhecida, crendo concorrer assim, de alguma fórma para minorar o mal que está disimando a nossa população

Os Srs. medicos talvez riam se della, como já se riram de outra publicada no *Correio Mercantil*; mas SS. SS que tenham paciencia: a sua sciencia não póde ser infallivel, e a prova é que lhes estão morrendo doentes de variola todos os dias; o povo que experimente a nossa receitasinha, que mal nenhum poderá fazer, e diga depois se ella presta ou não — unico juiz que aceitamos para decisão do caso.

Eil-a:

Prepara-se tintura de flôr de dhalia em espirito, na razão de 1 parte para 10 de espirito.

Mistura-se uma colherinha desta tintura num copo dagua fria e dá-se ao doente um calice de 2 em 2 horas.

No periodo da erupção dá-se tintura da planta de ortiga, preparada da mesma fórma, na mesma quantidade e com o mesmo intervallo.

Este processo simplissimo para a cura de uma enfermidade tão perigosa, principalmente pela facilidade da sua transmissão, foi divulgado ha dous annos na imprensa pelo pharmaceutico João de Escobar, autor da *Ataúba de Sabyra*, o conhecido especifico do cancro, que assegura ser elle superior a muitos meios therapeuticos conhecidos, pois salvou com esta formula caseira centenares de doentes mesmo nos mais perigosos casos, conseguindo dominar uma epidemia que devastava importante povoação do Estado de S Paulo.

— Lemos tambem que o Dr. Eduardo Hins, da Colombia, aconselha o seguinte tratamento para a cura da variola e mesmo como preservativo:

Uma onça de cremor tartaro dissolvida em 1/2 garrafa dagua fervendo, tomado, quando frio, a curtos intervallos.

Cumprimos um imperioso dever, que os poderes competentes hão descurado de uma maneira altamente criminosa — preoccupados como se acham exclusivamente na grande caçada humana que, para satisfação ingloria de ambições mesquinhas de politicos de ambos os partidos, se está fazendo no interior do Estado.

Fique tambem conjunctamente lançado o nosso protesto contra a incuria de quem é pago para zelar pela saude publica.

Publicação adiada

Por motivos de força maior, deixa de sahir hoje a continuação dos artigos que o nosso companheiro Guilherme Sauter está escrevendo sobre a theoria do socialismo.

No proximo numero proseguirá a série das prelecções doutrinarias e de combate encetadas nestas columnas pelo nosso amigo.

SUBSCRIPÇÃO

Para a subscripção aberta em beneficio de Maria Magdalena recebemos durante a semana findamais as seguintes esportulas:

Um socialista . . .	2$000
Florisbella Fontoura, Joanna Ferreira Cardoso, Conceição Ferreira Chaves, Maria Magdalena de Moraes, Felicio R. Matheus e Domingos Manuel Lopes, a 1$000, cada um	6$000
E. C. (do Rio-Grande) e José Goldar, a 500 rs cada um.	1$000
Alfredo Carioca. . .	$300
Augusto Ferreira Reis e Manuel Ignacio Duarte, a 200 rs. cada um .	$400
Diversos anonymos .	2$000
Quantia já publicada.	47$000
Total	58$700

Obtivemos as seguintes informações sobre Manuel Henrique Corrêa, pae das creanças que se acham em poder de Maria Magdalena:

Corrêa era operario chapeleiro fulista e trabalhou durante muitos annos na fabrica do Sr. Eduardo Carvalho, onde ainda se achava quando falleceu.

Na lucta pela vida ninguem o excedeu: trabalhava nunca menos de onze horas por dia.

Deste excesso e da insufficiencia da alimentação lhe resultou a terrivel enfermidade que o arrastou ao tumulo — a tisica.

O seu almoço consistia num pouco de café (?) e um bocado de pão Jantar... só o tinha quando os companheiros, condoidos da sorte delle, lhe davam um pouco do seu; de fórma que a maior parte dos dias passava a café (?) e pão, porque — compenetrado dos seus deveres de chefe de familia — consummia o seu parco ordenado na alimentação da esposa e 6 filhos, que, ainda assim mesmo, soffriam muitas privações.

Isto era no tempo em que o cambio estava relativamente alto; imagine-se agora qual não será a situação de muitos operarios que se acham em identicas condições!

Deixam-se morrer de fome, lentamente, os desgraçados, quando a variola, mais benigna que a so-

ciedade, não os leva de vez para o tumulo!

—

No proximo numero encerraremos a subscripção, publicando então o recibo de Maria Magdalena, em satisfação a todos que concorreram com o seu obulo.

Na sociedade do futuro um artista será tudo e um general não será nada. — FELIZARDO LIMA.

Meeting socialista

Em Marselha realizou-se ha pouco brilhante e concorridissimo *meeting* socialista.

Os francezes e italianos presentes demonstraram a maior confraternidade, soltando entre outras exclamações as de *Abaixo as fronteiras! Abaixo as patrias!*

AMPARO MUTUO

Lembramos ao conselho administrativo desta associação a conveniencia de ser o respectivo escriptorio mudado para outro ponto mais central da cidade.

O local em que se acha actualmente, sendo muito afastado da parte da cidade conhecida por Varzea, obriga os socios que moram nestas immediações a darem grandes caminhadas (para alguns mais de 1/4 de legua), afim de satisfazerem suas contribuições ou a gastarem mais 400 rs. de bond de cada vez (ou mesmo mais os 100 rs. pagos ao cobrador, quando este procura os socios em casa), o que, sommado, no fim do anno prefaz quantia bem regular, que daria para pagar não poucas quotas.

Estabelecido como está o escriptorio, quasi num extremo da cidade, póde dizer-se que resulta dahi um verdadeiro privilegio para os socios que residem naquellas proximidades, os quaes, com o escriptorio á porta, ficam isentos das massadas e gastos a que estão sujeitos os que moram fóra daquelle ponto.

Vem desse facto a desegualdade que se dá entre os que moram perto e os que moram longe, desegualdade que numa associação como a *Amparo Mutuo* — eminentemente popular — torna-se inadmissivel por odiosa.

O escriptorio deve ficar tão accessivel aos moradores da praça General Camara como aos da praça Domingos Rodrigues, e o meio termo para isso é transferil-o para o centro da cidade, immediações da praça burlescamente chamada *Ilegeneração*

A direcção ou a gerencia da *Amparo Mutuo* dirão que existe um meio para os Srs. socios livrarem-se dos inconvenientes por nós apontados, que é pagarem os 10$000 de adiantamento facultado por lei, o qual lhes dá mais a vantagem dos juros.

Isso, além de não ser razoavel por importar na imposição de uma confiança que deve ser méramente espontanea e por deixar de pé o mal maior — que é a desegualdade entre os socios *de perto* e os socios *de longe* —, isso, repetimos, seria muito bom se todos pudessem contribuir de uma só vez com 10$000, quantia cujo dispendio nesta época de milho com café a 2$000 e tanto e barbas (é duro!) a 400 rs. importa mais do que num sacrificio, porque importa numa facada.

Fazendo esta reclamação, attendemos ao pedido de não poucos socios e por isso esperamos que o digno conselho administrativo a tome em consideração, providenciando para que no seio da associação não haja descontentes nem prejudicados.

Visita de collegas

Temos recebido a visita dos seguintes collegas;

Socialista, da Capital Federal;

Patrieta, do Rio Pardo, de redacção do Dr. Fortunato Luiz Barreto;

Combatente, de Santa Maria, de redacção do Sr. Candido Brinckmann;

Taquaryense, de Taquary, de propriedade e direcção do Sr. Albertino Saraiva;

Bisturi, do Rio-Grande, folha illustrada, de propriedade e direcção do Sr. Thadio Amorim;

Correio Mercantil e *Ensaios Litterarios*, desta cidade.

Todos estes jornaes acham-se á disposição dos nossos companheiros no escriptorio desta redacção.

Confissão burgueza

O *Tempo*, da Capital Federal, folha republicana até ao jacobinismo, que, entretanto, já qualificou o socialismo de « vencedor seguro do dia de amanhã », inseriu recentemente numa das suas secções edictoriaes as seguintes linhas, que encerram uma confissão valiosa — a da inevitavel victoria da idéa socialista:

« Decididamente o velho mundo está pedindo quanto antes o banho lustral do socialismo.

E quando eu digo apenas — o velho mundo — não é porque eu ache que o novo não precisa tambem a mesma cousa.

Lá, porèm, é o excesso de miseria para os pequenos e de corrupção para os grandes, que reclama esse banho de sangue e fogo, aurora de um dia melhor, de mais equidade, mais amor, mais justiça.

Cá, bem felizmente, nós não estamos urgidos tão de perto por esse aguilhão.

Isso não quer dizer que não devamos tender com a mesma força para tão nobre ideal, o unico que enche um pouco de esperanças a luminosa e lugubre vereda do progresso, onde a cada clarão novo corresponde um novo esmagamento dos fracos e desprotegidos.

Apenas lá o socialismo tem de completar o cyclo da civilisação capitalista, apressando a sua dissolução, ao passo que entre nós não carece esperar que cheguemos á caducidade pôdre, em que se debatem a velhas e esgotadas nações da Europa, para dar-nos essa redempção augusta do trabalho. »

A organisação da sociedade actual

(COLLABORAÇÃO)

IV

O grande movimento progressivo que se está operando em todas as especies de actividade humana no mundo civilisado è uma prova evidente do quanto a humanidade se esforça por attingir ao maior gráo de perfectibilidade.

Assim é que diante de todos os espiritos observadores não póde nem devo passar despercebido este grande movimento, pois que é necessario saber de onde viemos e para onde vamos.

Se voltarmos os nossos olhares para o passado, só podemos ver a humanidade envolta em continuas luctas em prol de uma felicidade que não pôde encontrar.

Haja vista a antiga Grecia, esse *fóco de grandezas, sciencias e bellas artes*.

Mas tambem a par de todas estas grandezas vemos aquelles que não trabalham, que não produzem, que são os ricos, os senhores, envoltos na mais requintada ociosidade, e ostentando o mais faustoso luxo a par daquelles que, trabalhando e produzindo, só podem viver na mais profunda e completa miseria.

Foi esta desigualdade a causa primordial do enfraquecimento social e moral daquelle povo, porque o seu systema governativo não tinha por base a equidade e a justiça e deu logar á invasão de barbaros e mais tarde ao apparecimento de um Alexandre, que, conquistando todas as nações então constituidas no Oriente, fez dellas um conjuncto que recebeu o nome de Imperio de Alexandre.

E este conquistador, depois de assim constituir um imperio, esforça-se para que as grandezas que tanto tinham brilhado na Grecia reappareçam e revivam, o que de facto conseguiu.

Mas o reapparecimento de todas estas grandezas no meio destes povos conquistados produziu alguns melhoramentos no seu systema social?

Não, e a prova é que assim como a Grecia tambem o imperio de Alexandre cahiu, desmoronou-se, dando lógar a que o povo deixasse de acreditar nas palavras dos homens que eram os maiores talentos daquella época, para acreditar no messianismo, que então appareceu e que lhes indicava a vinda de um salvador.

Se confrontarmos os systemas sociaes das sociedades presentes com os systemas sociaes das sociedades daquellas épocas, havemos de chegar á comprehensão de que não ha entre elles differença, pois que, então como hoje, a base destas sociedades tem unicamente por fim a exploração do homem pelo homem.

A' vista disto está provado com esta e muitas outras verdades historicas que a sociedade actual não está bem organisada; portanto, ha necessidade de reformal-a; porém, as reformas que é preciso realizar não podem ser feitas pelos partidos burguezes, mas sim pelo partido dos trabalhadores, á luz dos principios socialistas.

Só o socialismo é que póde regenerar as sociedades actuaes e evitar que ellas caiam no cahos em que cahiram as sociedades antigas, fazendo desapparecer do

seio da humanidade a ociosidade, o parasitismo, a ignorancia e a miseria — unica causa da prostituição e da maior parte dos crimes—,e pondo em pratica as leis da equidade e da verdadeira justiça.

Pelotas, Setembro de 1893.

Manuel Lopes da Cruz.

Multiplicae as escolas e diminui os quarteis, se quereis socego e ordem. — FELIZARDO LIMA.

EXPEDIENTE

São responsaveis pelos artigos ou noticias publicados nesta folha os Srs. Guilherme Sauter, João Tolentino de Souza e Alberto F. Rodrigues.

Os artigos assignados representam, porém, a responsabilidade de seus autores.

—

Publicaremos gratuitamente annuncios de trabalhadores que precisem de occupação e de officinas, empresas, etc., que necessitem de operarios.

Aceitamos egualmente noticias ou informações sobre assumptos de interesse publico, que terão o melhor acolhimento e nos merecerão toda solicitude.

—

As reclamações relativas a irregularidades que se deem na entrega desta folha devem ser dirigidas á rua Santa Barbara n 2, onde está estabelecido provisoriamente o nosso escriptorio, ou á rua Sete de Setembro n 34 (em frente ás Duas Mil Peneiras).

—

Fica estabelecido o preço de 160 rs. para numero avulso da *Democracia Social*.

—

Estão encarregados de aceitar assignaturas e annuncios para esta folha os nossos companheiros seguintes:

Manuel Fernandes Vieira, á rua 7 de Setembro n.34 (alfaiataria);

Jacob Guilherme Schmoll, á rua Felix da Cunha n. 173 (marcenaria);

Raul Gomes de Oliveira, á praça Constituição n. 44 A;

Fernando Jantzen Junior, á rua S. José n. 60;

Horacio José Pereira, á rua Gonçalves Chaves n. 9 (esquina da S. Joaquim);

Manuel Lopes da Cruz, á rua Sete de Setembro n. 85;

Samuel Pereira Barbosa, á rua General Victorino n. 23 (esquina da S. Ignacio);

Alfredo José de Mattos, á praça Constituição n. 44 A;

Patricio José Lopes, á rua S. José n. 58 A;

Guilherme Sauter, á rua Conde de Porto-Alegre n. 16;

João Tolentino de Souza, á rua Sete de Abril n. 5;

Alberto F. Rodrigues, á rua S. Barbara n. 2.

No Rio-Grande podem ser procurados para assignaturas e annuncios os Srs. Leonel Martins de Freitas, nosso agente, á rua Demetrio Ribeiro n. 89 A, e Antonio Guedes Rodrigues Coutinho.

CASAMENTO

Consorciou-se quarta feira da semana passada o Sr. Manuel Antonio Pereira Portella com a interessante joven D. Lizia Sequeira de Almeida, dilecta filha do Sr. José Joaquim de Almeida e da Sra. D. Felicia Sequeira de Almeida.

Aos dignos consortes enviamos as nossas sinceras felicitações, desejando que a senda que têm a percorrer na vida seja sempre cheia de felicidades.

Um amigo

ANNUNCIOS

FERDINAND JANTZEN

Mudou a sua antiga e acreditada fabrica de seges para a rua Barroso, esquina da Tiradentes, onde foi a fabrica da viuva Bardou & Etchebeste (antiga de Carlos Ruelle).

Continúa á disposição de seus freguezes o do publico em geral para tudo quanto concernir aos seus misteres, garantindo perfeição execução das encommendas que lhe forem confiadas.

L. O. VASCONCELLOS

SAPATARIA

Fabrica calçado de todas as qualidades para homens, senhoras e crianças, garantindo a perfeita execução do seu trabalho.

Tem sempre em deposito variado sortimento de calçado, que vende muito em conta.

Elegancia e barateza é a divisa da casa.

Rua S. Miguel n. 96

RELOJOARIA

DE

João Vieira de Mattos

Esta casa dispõe do mais completo sortimento de relogios de parede e de algibeira, despertadores, oculos e pince-nez desde os de qualidade inferior até os mais finos.

Concertam-se relogios, oculos, obras de metal, etc.

Trabalho garantido e por preços sem competencia.

Rua Andrade Neves n. 121

SALÃO ADELINO

DE ADELINO R. TRINDADE

Esta conhecida barbearia, uma das mais bem montadas desta cidade, acha-se em condições de satisfazer o freguez mais exigente.

Serviço bem feito, limpo e expedito.

Perfumarias das melhores, cosmeticos, aguas para o cabello, tinturas, etc., encontram-se aqui.

Rua Andrade Neves, esquina da Coronel Ismael Soares

Alfaiataria Verdade

De José Verdade

Encarrega-se de aprromptar por medida e com brevidade toda e qualquer encommenda.

Dispõe de um bonito e variado sortimento de fazendas de lei, proprias para a estação.

Preços os mais reduzidos e trabalho a capricho.

RUA GENERAL OSORIO N. 266

JOÃO PEREIRA e C.

Correaria e fabrica de sellins

Variado sortimento de sellins inglezes, lombilhos, sergotes, cochinilhos, barrigueiras e tudo mais que diz respeito a esta arte.

Vendas por atacado e a varejo.

RUA GENERAL OSORIO N 141

Henrique Weikamp

Dispõe de completo sortimento de todas as qualidades de calçado dos melhores couros.

Aceita encommendas, que se promptifica a executar com presteza, elegancia e solidez, aos preços mais razoaveis.

RUA ANDRADE NEVES N. 117

Joaquim A. da Silva & C.

SECCOS E MOLHADOS

Deposito de generos coloniaes daqui e de Porto-Alegre, productos de xarqueada, especiaes linguas de fumeiro, paios, troncos de lingua, carne de porco especial, goiabada cascão, etc.

TELEPHONE N. 317

Praça Domingos Rodrigues n. 9

CIGARRARIA

DE FLORDUARDO BARCELLOS

Tem sempre á venda os melhores fumos, cigarros, charutos, papeis para cigarros, piteiras, bilhetes de loteria e todos os artigos concernentes a este ramo de commercio, alguns verdadeiras novidades.

Procurar a casa barateira por excellencia.

RUA S. JERONYMO N 36

Salão Pelotense

DE MANUEL CARDOSO

Executa-se todo serviço concernente á arte de barbeiro, bem como applicam-se bichas e ventosas, por preços modicos.

Rua S. Miguel n. 74

RARIDADES

A' rua Santa-Barbara n. 2 compram-se jornaes antigos, documentos historicos e toda sorte de papeis e objectos raros, com especialidade os que se relacionarem com a historia do Rio Grande do Sul.

COBRADOR

MANUEL LOPES CYRILLO encarrega-se de cobranças por modica commissão, dispondo para isso da necessaria pratica e actividade.

Póde ser procurado á rua Dezeseis de Julho entre Felix da Cunha e Gonçalves Chaves.

Nesta redacção existe um livro para a «Liga Operaria», que será entregue mediante recibo.

TYP. DA — DEMOCRACIA SOCIAL.